

**UMA ANÁLISE BIOPOLÍTICA DAS FAKE NEWS COMO CAUSADORAS DO
AUMENTO DA DESIGUALDADE SOCIAL EM UMA SOCIEDADE
BIOCAPITALISTA**

*A BIOPOLITICAL ANALYSIS OF FAKE NEWS AS CAUSES OF INCREASING SOCIAL
INEQUALITY IN A BIOCAPITALIST SOCIETY*

Sandro Marcos Godoy³⁷
Marcio Ricardo da Silva Zago³⁸
Murilo Muniz Fuzetto³⁹

RESUMO: O artigo busca traçar uma análise biopolítica das *Fake News* como causadoras do aumento da desigualdade social em uma sociedade pautada no biocapitalismo. A ruptura com o modelo absolutista e a aproximação do poder da chamada biopolítica faz com que seja necessário um estudo das notícias falsas como sendo um mecanismo de controle biopolítico. Ponderou-se que a forma como o poder é exercido na sociedade mudou e, ao fazê-lo, aproximou-se não só da biopolítica mas também uniu-se ao sistema capitalista, dando origem ao chamado biocapitalismo. Essa união entre poder, capitalismo e biopolítica, quando aliada ao sistema de monetização que predomina na rede mundial de computadores, faz com que seja mais fácil veicular notícias falsas em *sites*. O resultado desta análise é demonstrado com a pontuação de que além do sistema de monetização por trás das notícias falsas, há também um fator humano que faz com que elas sejam compartilhadas e replicadas na internet. Nessa senda, pontuou-se que a maquinação dos corpos e a multidão que dá vida a carne é essencial para levar o sujeito a compartilhar o conteúdo falso. Finalmente, a pesquisa em apreço considerou que outro fator que explica o porquê dos cidadãos compartilharem esse tipo de conteúdo está relacionado com a nova maneira de “ser” no ciberespaço, uma maneira que tem íntima relação com a criação de subjetividades. A pesquisa que empregou respectivamente os métodos: dedutivo, dialético, histórico e as pesquisas bibliográficas, valeu-se das ideias de pensadores como: Michel Foucault, Zygmunt Bauman, Jeremy Bentham, Antônio Negri, dentre outros.

Palavras-chave: Biopolítica; Biocapitalismo; Notícia falsa; *Fake News*; Desigualdade Social.

³⁷ **1. Qualificação:** Pós-doutor em Direito pela Università degli Studi di Messina na Itália; Doutor em Direito pela FADISP; **2. Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/6172363354073594>; **3. ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-8749-395X>; e **4. vinculação:** FADISP (SP)

³⁸ **1. Qualificação:** Mestre pela Universidade de Marília - UNIMAR; e Professor na UNOESTE (SP); **2. Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/5166647170806102>; **3. ORCID:** <https://orcid.org/0000-0002-1942-6226>; e **4. vinculação:** UNOESTE (SP)

³⁹ **1. Qualificação:** Doutor em Direito pela Universidade de Marília (UNIMAR); **2. Lattes:** <http://lattes.cnpq.br/027039629526485>; **3. ORCID:** <https://orcid.org/0000-0001-9482-4876>; e **4. vinculação:** UNIMAR (SP)

ABSTRACT: the article seeks to highlight a biopolitical analysis of Fake News as causing the increase in social inequality in a society based on biocapitalism. The rupture with the absolutist model and the approximation of the power of the biopolitical makes it necessary to study the Fake News as a mechanism of biopolitical control. It pointed out that the way in which power is exercised in society has changed and, because of that, has approached not only biopolitics but also joined the capitalist system, giving rise to the called biocapitalism. This union between power, capitalism and biopolitics, when combined with the monetization system that predominates on the world wide web, makes it easier to transmit Fake News on websites. The result of this analysis is demonstrated with the conclusion that in addition to the monetization system behind the Fake News, there is also a human factor that causes them to be shared and replicated on the internet. In this path, it was pointed out that the body machining and the crowd that gives life to the flesh is essential to lead people to share the false content. Finally, the research under consideration considered that another factor that explains why citizens share this type of content is related to the new way of “being” in cyberspace, a way that is closely related to the creation of subjectivities. The research that employed the methods: deductive, dialectical, historical and bibliographic research respectively, made use of the ideas of thinkers such as: Michel Foucault, Zygmunt Bauman, Jeremy Bentham, Antônio Negri, among others.

Key-words: Biopolitics; Biocapitalism; False News; Social inequality.

1. INTRODUÇÃO

A ordem econômica plasmada na Constituição Federal no art. 170 é fundada na valorização do trabalho humano e na livre iniciativa, tendo como escopo assegurar a todos uma existência digna, pautada nos vetores da justiça social, observados uma série de princípios, dentre eles o da redução das desigualdades regionais e sociais (inc. VII).

Com efeito, oportuno mostrou-se o debate sobre como o biocapitalismo e a biopolítica podem influenciar no fomento ao aumento da desigualdade social quando aliados às *fake news*.

Partindo dessa premissa, a pesquisa buscou avaliar como a ruptura com o modelo absolutista e o advento do biocapitalismo possuem relação com a propagação de notícias falsas. Em especial, como essa propagação acontece nos meios digitais e como o comportamento do homem no ciberespaço pode estimular tal propagação.

Para concretizar a proposta desta pesquisa, foram utilizadas pesquisas bibliográficas e análises de estudos realizados por outros pesquisadores, como por

exemplo: Michel Foucault, Zygmunt Bauman, Jeremy Benthan, Antônio Negri, dentre outros.

O objetivo desta pesquisa pautou-se em explorar como os mecanismos de controle biopolíticos quando aliados ao biocapitalismo podem encontrar nas *fake news* uma grande ferramenta de controle das multidões e da população, sobretudo quando essa população encontra-se conectada ao ciberespaço, local onde impera uma nova maneira de “ser” pautada na ratificação do meu “eu” pelo “eu” do outro.

A justificativa para a escolha do tema recai na maneira como este é um fato na atual sociedade, de modo que todos nós estamos sujeitos às garras do biocapitalismo, da biopolítica e, sobretudo, todos estamos conectados à rede mundial de computadores.

2. A NOVA FORMA DE PODER: A BIOPOLÍTICA E O BIOCAPITALISMO

Inicialmente, buscando uma melhor compreensão da temática em tela e objetivando contribuir para um debate de melhor qualidade das ideias em apreço, é indispensável que alguns esforços sejam debruçados em noções e fatores que permeiam o tema, os quais a análise mostra-se essencial para a compreensão do assunto principal desta pesquisa.

Nessa senda, é de extrema valia para esta pesquisa estabelecer os conceitos básicos relacionados a temas como biopolítica, biopoder e biocapitalismo para, então, partindo da íntima relação que estes temas possuem com o sistema econômico vigente, analisar como esses mecanismos podem ser utilizados para controlar a vida das pessoas, de modo a fazer com que adotem determinadas condutas e rechace outras.

A temática ganha relevo para a pesquisa em apreço porque ela pode lançar uma luz sobre como e porque a multidão tende a tomar determinados comportamentos. Tal conclusão possui íntima relação com o tema das *fake news*, conforme será abordado posteriormente.

Corroborando tal premissa, a pesquisa também tratará como a internet, associada a diversos outros dispositivos, pode ser o palco perfeito para os mecanismos de controle exercerem seus papéis no jogo de poder.

Uma vez superada a explanação introdutória de todos esses temas e estabelecida a base teórica que possibilitará a discussão do assunto principal, será de extrema importância unir estes apontamentos com a noção de que a biopolítica e os mecanismos de controle atuam como fomentadores das *fake news* e do aumento da desigualdade social, de modo que vão claramente contra o comando constitucional contido no art. 170, inc. VII, ou seja, a redução das desigualdades regionais e sociais.

2.1 A RUPTURA COM O MODELO ABSOLUTISTA, A BIOPOLÍTICA, O BIOPODER E A NOVA FORMA DE CONTROLE SOCIAL

A forma de governo absolutista foi marcada por uma maneira de governar que tinha como alicerce o poder soberano, ou seja, aquele centrado no governante, no qual a lei preconizava imposições ou proibições aos súditos.

Nessa sociedade, havia a figura do chamado suplício corporal, que consistia em um ato cerimonioso cujo escopo era controlar o corpo do súdito pelo do terror, que sofria a força do soberano.

Nessa senda, em termos práticos, essa cerimônia objetivava demonstrar o poder do soberano, mostrar aos muitos súditos a relação de poder e força que estes tinham para com o seu príncipe.

Sobre a temática em tela, Foucault esclarece que era uma forma de justiça enquanto exibição de força física e temível por parte do soberano, que se concretizava em uma natureza material. Essa formalidade do suplício colocava de maneira clara a relação de força do soberano que garantia o poder da lei.

Devido à ausência da figura do cidadão, esse período é marcado por um protagonismo da figura do súdito, este considerado parte da terra em que morava, estava sob o manto de poder do soberano, o qual poderia, inclusive, exigir que este súdito lutasse

para defender suas terras, além de poder mata-los se eles tomassem posturas julgadas indevidas ou ilegais.

Ante essa constatação do poder absoluto do governante, pode-se facilmente perceber o apontamento de Foucault para a ideia de que o governante tinha o poder de fazer alguém morrer ou permitir que este mesmo alguém permanecesse vivo. Ou seja, “fazer morrer” e “deixar viver”.

Essa máxima permite que seja extraída a conclusão de que pouco importava a maneira como os súditos viviam, contanto que fosse dentro dos limites legais, de tal modo que caso um dos súditos viesse a morrer, tal sinistro seria irrelevante para o desenrolar da vida em sociedade. Destarte, as atividades realizadas, e mecanismos de informação como taxa de nascimentos e óbitos eram de pouca relevância, sendo que prevalecia a ideia do “deixar viver”.

Entretanto, uma nova forma de poder ganha relevo a partir do século XVII, é a chamada “disciplina” ou ainda, “anátomo política”. Consistia em uma forma de poder que levava em conta uma rede de poderes que ganha materialidade em várias instituições sociais (escolas, exército, hospitais), e passa a ter papel fundamental no processo de sujeição dos corpos para que estes permaneçam dóceis e úteis.

Nesse ínterim, mudanças no seio social trouxeram reflexos nessa sistemática. Fato é que a ruptura com um regime absolutista e a consagração de um regime burguês culminou na adoção de um poder chamado de poder disciplinar. Aqui, em contraste ao seu predecessor (regime absolutista) a lei passou a coexistir com outros mecanismos de controle, que passariam a determinar a vida das pessoas.

Essa nova forma de poder era, nas palavras de Machado, Dias e Ferrer baseada na adoção de mecanismos de controle que, incidindo sobre o indivíduo e também sobre a população como um todo, induzem a adoção de determinadas posturas para atingir objetivos previamente definidos.

Foucault explica que essa nova formulação de poder se solidificou com base em dois vieses, os quais não são contrários entre si que possuem certa ligação. O primeiro viés

explorou a relação do corpo enquanto máquina buscando maximizar a utilidade e docilidade desse corpo (anátomo-política do corpo humano). Por seu turno, o segundo segmento está mais voltado para a regulação da população baseado em processos como as taxas de natalidade e mortalidade, os níveis de saúde e as taxas de longevidade (esse segundo viés sendo a biopolítica).

Essa nova modelagem da política passou a possibilitar que se expandisse o seu campo de atuação. Evidentemente, com isso, esse novo paradigma político foi absorvido pelo sistema capitalista.

Nesse diapasão, era necessário ir além do conquistado com a docilidade e produtividade do corpo social. Desse modo, Duarte defende que o que se produz por meio da atuação específica do biopoder não é mais apenas o indivíduo dócil e útil, mas é a própria gestão calculada da vida do corpo social.

Isso quer dizer que o poder assume nova roupagem, e se antes era aplicado somente sobre a *bios* (vida daqueles qualificados politicamente) com a nova configuração passa também a ser aplicado a *zoe* - ou seja, a vida natural, que é comum a todos os integrantes do reino animal, inclusive ao humano. É com este intuito que surge a biopolítica: administrar ambos os aspectos da vida, tanto a *bios* quanto a *zoé*.

Na verdade, a partir desse ponto, a nova formulação política passou a solidificar-se, conforme extrai-se do excerto anterior, porque passou a ter certa preocupação em angariar sujeitos, corpos, e o controle das populações.

Corroborando a perspectiva trazida pela ruptura do modelo absolutista, Dias e Oliveira argumenta que a lei continuaria a ter certa importância, mas a necessidade de controlar novos aspectos das vidas das pessoas teria exigido a adoção de novos mecanismos para motivá-las a adotar certas condutas e a abandonar outras. Nesse sentido, a estatística teria ganho importância ímpar, pois passou a representar uma das principais ferramentas utilizadas pelo poder para fundamentar e divulgar pesquisas e propagandas que passaram a induzir práticas sociais. Além disso, a estatística permitiu que o poder se apropriar da vida não se tomando em conta a individualidade de cada pessoa, mas sim a

partir dos fenômenos supostamente genéricos que ligam a vida de todas as pessoas, como a natalidade, a longevidade, saúde pública, fecundidade etc., bem como outros aspectos da vida em sociedade, como o número de mortos, de doentes, regularidade de acidentes, etc.

Os efeitos dessa mudança de paradigma e de controle que estimularam o fazer viver podem ser observados nos mais diversos setores do que hoje conhecemos por sociedade. Exemplificativamente, o capitalismo soube muito bem tomar para si algumas características da vida em sociedade e controlá-las a favor da produção de riqueza. Deste modo, áreas da vida como sexualidade, longevidade, saúde pública dentre tantas outras foram alvo da influência de mecanismos de poder de tal sorte que por meio dos mesmos algumas condutas fossem fomentadas e incentivadas ao passo que outras passaram a ser rechaçadas. Em outras palavras, o escopo era maximizar a utilidade e a docilidade da vida em benefício do sistema capitalista.

Há de se deixar bem claro que o “fazer viver” da biopolítica não é um conceito embutido de um sentimento altruísta ou de um imenso espírito de fraternidade que, diante das precariedades vivenciadas pelos súditos nos regimes anteriores, vem para dar-lhes um tratamento mais digno.

Foucault já apontava para a natureza devastadora de doenças e pandemias dentro da ordem capitalista, sendo certo que essas, exatamente por reduzirem as cargas horárias de trabalho, geram impactos econômicos.

Tem-se que o deixar viver é aplicado à parcela da população que é considerada economicamente ativa, que produz para o sistema, de modo que nesse ponto, a biopolítica tende a aproximar-se de ideais neoliberais.

Sobre a temática, oportunos são os ensinamentos de Dias e Oliveira no sentido de esclarecer que a nova maneira de gerir o comportamento humano extrapolou os limites da lei e a passou a envolver dispositivos que induzem as pessoas a adotar certas condutas após serem convencidas de que elas lhes serão benéficas ou deixar de adotar certas condutas pois estas trariam malefícios.

Para ilustrar tal situação fazendo um paralelo com a atualidade, nós somos estimulados pela grande mídia a todo momento a adotar determinadas atitudes em detrimento de outras, essas possuem suas desvantagens escancaradas para que o sopesamento beneficie aquelas.

Com a nova configuração do marketing digital, dos algoritmos das redes e das notícias na palma da mão, o cidadão é estimulado a aderir a um estilo de vida saudável, a praticar *yoga* e meditação e a rechaçar uma rotina sedentária e dietas ricas em carboidratos.

Essa forma de controle está presente nas mais sutis decisões do cotidiano. Somos informados sobre qual *smatphone* comprar (aquele da maçã), qual roupa vestir (aquela com renome reconhecido), em quem votar, o que comer (desde que seja orgânico) e onde comer.

Muito embora Foucault não tenha apresentado qualquer distinção entre biopoder e biopolítica, torna-se oportuno, de maneira breve, pontuar que alguns autores, sendo Negri o de maior voz na doutrina, não trata os institutos como se sinônimos fossem.

Ao elucidar os ensinamentos de Negri, Dias e Oliveira explicam que o biopoder seria o exercício dos dispositivos de segurança sobre o homem, com o fim de controlar todos os aspectos de sua vida, e biopolítica seria a resistência do homem em relação a tais dispositivos de segurança, assumindo o homem o controle de sua vida.

Por fim, resta salientar que além da ruptura com o absolutismo e com a aproximação da biopolítica, o poder passa, nos tempos hodiernos, a entranhar-se de forma mais íntima na vida da sociedade, uma vez que agora une-se ao sistema capitalista dando origem ao chamado biocapitalismo.

2.2 A BIOPOLÍTICA E O BIOCAPITALISMO COMO FORMAS DE CONTROLE DA VIDA: A INDÚSTRIA DE FAKE NEWS NA INTERNET COMO PRODUTO DESSE CONTROLE

Para a pesquisa em tela, são de interesse as lições de Antônio Negri no que tange à maneira como biopolítica e biocapitalismo podem coadunar-se e configurar-se como mecanismos de controle nas sociedades atuais.

Necessário a contextualização dos estudos de Negri com relação à temática em análise. As lutas operárias e as lutas pela independência do denominado “terceiro mundo” culminaram numa nova conjuntura do Estado do Bem-estar Social, com a regulação social do capital e a eclosão do capitalismo financeiro.

A partir daí, o Estado do Bem-estar Social torna-se ele mesmo elemento de produção. Antônio Negri explica que essa nova conjectura transforma a matéria sobre a qual se constrói o lucro, transforma a matéria sobre a qual começa a construir inclusive valorização. Aliado a isso, nota-se que um grupo de economistas da década de 70 passou a perceber que o capitalismo exercia não só uma função de controle da sociedade, mas que entrava no corpo da vida.

Nesse diapasão, nota-se que a economia é um ciclo no qual há produção e circulação de mercadoria. Desta maneira, ficou extremamente difícil determinar onde começa a produção. Além disso, só se torna possível valorar a mais-valia após analisar a circulação de mercadoria. Portanto, a reunião do capital com a força de trabalho mergulha diretamente na produção e ultrapassa a jornada trabalhista clássica.

Destarte, ocorre que a mudança nos modos de produção passa a demandar a passagem do trabalho material para o imaterial. O capital envolve relação social e onde há relação há também resistência. O elemento novo é que com o recente destaque auferido pelo trabalho imaterial, passamos a visualizar uma resistência imanente.

Isso quer dizer que com as mudanças sociais, mudou-se também a maneira de se trabalhar e de se produzir. Para além daquele trabalho palpável (como por exemplo as linhas de produção das fábricas, ou os trabalhos ditos braçais) há também a crescente produção do chamado trabalho imaterial (aquele que existe em seu conceito, sua ideia, mas não necessariamente é concretizado no mundo palpável dos fatos, como por exemplo a confecção de uma notícia vinculada em uma mídia digital).

Nesse sentido, há de se anotar que além da monetização/valorização do trabalho imaterial, há também um crescente lucro sobre a sua veiculação nas redes e sobre anúncios postados juntamente com esses ou com o intuito de divulgá-los.

Certeiro é o fato de que os *sites* lucram com a venda de anúncios, de modo que quanto maior for a audiência do sítio na internet, mais dinheiro ele ganhará com a publicidade. Exemplificativamente, a crise política vivida em 2016 foi considerada uma mina de ouro em termos de audiência digital, de modo que os *sites* de *fakes news* também souberam beneficiar-se desse momento.

Da circulação de mercadoria citada ou dos processos de valorização, nasce a renda. Nesta relação, o Estado teve sua força enfraquecida porque até o poder de emitir moeda foi globalizado, de modo que, na dinâmica do endividamento, os mercados que se sobressaem no poder.

Com relação a essa temática, o autor elenca a existências de três paradoxos, os quais recaem na (1) produção; na (2) propriedade privada e (3) no enfrentamento do biocapital com os corpos dos trabalhadores. Nessa senda, Antônio Negri explica que esses três paradoxos permanecem irresolúveis no acionamento do capital. Consequentemente, quando a resistência se torna forte, tanto mais pesada e às vezes feroz é a tentativa de restauração do poder por parte do Estado, órgão detentor do capital.

Nesse íterim, Antônio Negri explica a relação que o Biocapitalismo possui com a Biopolítica e explana como estes podem ser aliados na hora de controlar a vida da sociedade: o trabalhador não é mais o instrumento que o capital usa para conquistar a natureza, o que significa banalmente produzir mercadorias, mas que, tendo incorporado o instrumento, tendo metamorfoseado do ponto de vista antropológico, reconquista um valor de uso, age maquinalmente em alteridade, em uma autonomia em relação ao capital. É nesse ponto que se dá uma nova forma de luta de classes, na realidade, uma luta de classes biopolítica, um biopoder capitalista que começa a se corresponder com uma luta de classes no terreno biopolítico.

Elucidando o esposado alhures e o correlacionando com a temática proposta por esta pesquisa, há de ser ponderado que atualmente existe um mercado de *fake News*, o qual não só gera capital sobre o trabalho imaterial, como também é utilizado como mecanismo de controle sobre a população/multidão para atender determinados fins, sejam eles

políticos ou econômicos. Há uma conversa entre o biocapitalismo e a biopolítica na qual o assunto é o controle da população para atender determinados fins.

Sobre o tema, aponta-se que a *Global Disinformation Index* divulgou uma pesquisa baseada em um agrupamento de aproximadamente 20 mil sites com escopo de veicularem *Fake News*. O estudo apontou que empresas destinadas a gerir tecnologia de anúncios investem um montante de aproximadamente US\$ 235 milhões (ou seja, R\$ 977 milhões) anualmente para que seus anúncios sejam exibidos nesses sites.

No Brasil, a indústria da *Fake News* tem sido uma grande aliada de empresários e políticos. Um inquérito aberto pelo Supremo Tribunal Federal investiga a veiculação de notícias falsas contendo ataques contra os ministros da Suprema Corte brasileira nas redes sociais. Nesse inquérito, apurou-se que um grupo de empresários bolsonaristas gastaram um montante de aproximadamente R\$: 5 milhões por mês para manipularem robôs e materiais destinados a constranger opositores do governo.

Além disso, foi publicado um estudo pela consultoria de segurança cibernética *Trend Micro* ao investigar o mercado de *fake news*, nesse artigo, intitulado de “*The Fake News Machine*” foi apontado que os orçamentos e investimentos em *fake News* podem variar entre US\$: 2,6 mil e US\$ 400 mil, sendo possível desde a criação de uma celebridade virtual até mesmo a manipulação de um processo decisório.

Deste modo, resta claro que a forma de poder migrou do absolutismo e hodiernamente encontra-se emaranhada entre a biopolítica e o biocapitalismo, sobretudo em tempos nos quais predomina a monetização das redes de computadores. Nessa senda, a pesquisa em tela passa preocupar-se em como a biopolítica e os mecanismos de controle ganham relevo no contexto digital, o qual pode ser tanto um campo de resistência quanto um aliado da maquinação do homem.

3. A INTERNET COMO ESPAÇO PARA A BIOPOLÍTICA: FAKE NEWS E A NOVA FORMA DE “SER” NO CIBERESPAÇO

Conforme explanado até então, resta cristalina a noção de que a relação do Estado para com seus súditos sofreu grandes mudanças com a ruptura do modelo absolutista. Com os contornos de caráter disciplinar e com a importância dada ao “fazer viver” por parte do Estado surgem novas formas de interferência estatal, sejam elas políticas, econômicas, sociais dentre outras.

Nessa senda, sobre a maneira como a biopolítica encontra-se entranhada no cotidiano humano anotam-se as palavras de Silva, Silva e Junior no sentido de elucidar que biopolítica são estratégias racionalizadas de gestão e administração da vida e se corporificam nas mais diversas campanhas e políticas elaboradas, nos dias de hoje tanto pelo Estado como por setores da iniciativa privada e organizações não governamentais.

Exatamente por ser um mecanismo de controlar a vida da população, a biopolítica encontra na internet um campo fértil para difundir seus mecanismos de controle. Ora, para uma estratégia de gerenciamento da vida que se alimenta de informações e estatísticas não há terreno mais fértil do que o ciberespaço, onde tudo é baseado em algoritmos, formulários e bancos de dados.

Inegável é o fato de que a internet é uma realidade na sociedade atual, o homem passou de animal social para animal conectado (um animal das redes sociais).

A relação entre biopolítica e tecnologia tem um tremendo impacto no modo de vida do homem pós-moderno, inserindo-se nas mais diversas camadas da vida social hodierna.

Tal conclusão baseia-se na ideia de que os fluxos tecnológicos possuem maior interferência no coletivo e maior influência na maneira de determinar nossas pluralidades e singularidades.

Foucault ilumina a temática quando afirma que a biopolítica lida com a população, e a população como problema político, como problema a um tempo científico e político, como problema biológico.

Em outras palavras, pode-se afirmar que a biopolítica, ao menos em alguma parte, está relacionada às soluções apresentadas pelo Estado (este enquanto instância política) voltadas ao bem-estar populacional.

Ratificando o exposto aos alhures, sabe-se que biopolítica lida com a população, sobretudo com a população enquanto problema político. Contudo, sabe-se também que hodiernamente a população encontra-se, na sua grande maioria, conectada à rede mundial de computadores, de forma que a internet está a um toque de distância, na tela dos smartphones.

Com o advento de novas tecnologias e com o mundo cada vez mais globalizado, é natural que novos contornos sejam dados à teoria da biopolítica. Nessa senda, a biopolítica digital, aquela que é mediada por algoritmos, em que sujeitos e Estado são conectados via processos que partem do contexto de problemas atuais, seria um “novo” fenômeno de gerenciamento das populações.

Isso quer dizer que a internet se apresenta como um local onde os agentes (sejam eles o Estado, particulares ou ONGS) podem utilizar como palco para a biopolítica.

Em termos de Estado, é certo que este atua como mediador da vida mediante plataformas *on line* onde essas baseiam-se em práticas de saber-poder. Isso quer dizer que uma vez conectado à rede, o cidadão possibilita ao Estado (ou qualquer outro ente biopolítico) a constante vigilância, apresentando-se ora como sujeito deste processo, ora como alvo.

É justamente na internet que o conceito de multidão proposto por Negri pode ser correlacionado com a temática em tela.

Para referido autor, multidão é o nome dado a uma imanência, um conjunto de singularidades. Essa teoria da multidão defende que os indivíduos falam por si só. Em poucas palavras, se está a tratar de singularidades não representáveis.

Em resumo, a multidão é o conjunto de singularidades, estas por sua vez apresentam-se em movimentos constante e são permanentemente produtivas.

Assim, nas palavras de Antônio Negri: multidão é uma potência, e esta potência não deseja apenas se expandir, mas, acima de tudo, quer se corporificar: a carne da multidão quer se consubstanciar no corpo do *General Intellect*.

Nesse sentido, deve-se fazer menção à diferenciação proposta por Negri entre povo e multidão, de modo que ambos são conceitos que não se confundem. Em um sentido mais geral, a multidão desafia qualquer representação por se tratar de uma multiplicidade incomensurável. O povo é sempre representado como unidade, ao passo que a multidão não é representável, ela apresenta sua face monstruosa vis-à-vis os racionalismos teleológicos e transcendentais da modernidade. Ao contrário do conceito de povo, o conceito de multidão é de uma multiplicidade singular, um universal concreto. O povo constitui um corpo social; a multidão não, porque a multidão é a carne da vida. Se por um lado opusermos multidão ao povo, devemos também contrastá-la com as massas e a plebe.

Essa noção trazida por Negri pode ser correlacionada com as *fake news*, sobretudo com as *fake news* no espaço virtual.

Nessa senda, é importante destacar as palavras de Francisco Vieira da Silva e Joseeldo da Silva Junior que elucidam que enquanto no espaço virtual o sistema colaborativo maximiza as relações: no caso concreto, as singularidades atuam em favor da multidão, redes de colaboração são formadas, em que passam a ocorrer a descentralização de poder.

Para ilustrar o exposto, pode-se tomar como exemplo algumas situações concretas que ocorreram durante a campanha presidencial do atual presidente Jair Bolsonaro. Notícias falsas espalhadas incluíam estratégias para diminuir a credibilidade do principal candidato da oposição, Fernando Haddad.

Alguns dos exemplos de *fake news* divulgadas na reta final da corrida eleitoral envolvem o chamado “kit Gay” que supostamente teria sido distribuído em escolas para crianças de 06 anos; a filiação ao PT do envolvido na facada de Bolsonaro; a divulgação da imagem de uma idosa que fora agredida simplesmente por ser eleitora de Bolsonaro - a foto em questão era da falecida atriz Beatriz Segall após uma queda na rua.

Em um mundo conectado é muito mais fácil chegar até às multidões e maximizar as relações, conforme mencionado anteriormente. Anota-se, nesse sentido, que 6 em cada 10 brasileiros possuem *WhatsApp*, totalizando um montante de 120 milhões de pessoas que estão facilmente disponíveis para contato.

Ao receberem esse tipo de conteúdo, essas pessoas, que compõem esse grupo (multidão) e passam a reagir a este conteúdo, formam uma rede de colaboração. Ou seja, utilizando seus corpos, sua carne e dando vida à multidão essas pessoas passam a colaborar com a propagação da notícia falsa (ou com qualquer outro conteúdo recebido, conforme será exposto posteriormente, compartilhar é tido como uma nova maneira de “ser” na era digital).

Sem dúvida nenhuma, apesar da mudança de paradigma imposta pela biopolítica com o “fazer viver”, impera, como ocorria no regime absolutista, o tolhimento da liberdade do indivíduo, o qual perde a capacidade de formulação de compreensão e de argumento racional, ante à imaturidade para compreender o funcionamento institucional, turvando, assim, sua visão da realidade.

Essa maximização da relação dos indivíduos (fomentado através da facilidade de conexão da rede) é potencializada pelas singularidades destes indivíduos dentro do conceito de multidão e favorece a formação de uma rede de colaboração que culmina em uma descentralização de poder, no caso em tela, a descentralização transcreveu-se na construção do descrédito do candidato da oposição, possibilitando uma vantagem na corrida eleitoral para o então candidato Jair Bolsonaro.

Em outras palavras, primeiramente essas pessoas foram alvos, depois passam a ser agentes e sujeitos da propagação.

Os alvos dessas *fake news* são pessoas, cidadãos. Dentro da teoria da multidão de Negri essas pessoas são indivíduos singulares, cada um com seus gostos, preferências políticas, ideias, princípios e valores morais. Assim sendo, como explicar que essa multidão, concentrada sobretudo na internet, possa vir a atender fins biopolíticos?

Nesse sentido, alguns fatores podem ser apontados como traços de singularidades desses indivíduos enquanto membros da multidão, ou ainda, enquanto elo na corrente que liga todos esses agentes da biopolítica virtual em tempos de *fake news*.

3.1. O CONVITE À INTERAÇÃO EM UMA SOCIEDADE SINÓPTICA: A NOVA MANEIRA DE SER E DISPOSITIVOS QUE FOMENTAM AS FAKE NEWS

Com o fito de explicar como as *Fake News* podem encontrar seu fomento no ambiente virtual, esta pesquisa irá se pautar em alguns tópicos, sendo eles: 1) a noção de vigilância, confinamento e informação proposta por Bentham; 2) a mistura entre as noções de vigilância e entretenimento; 3) a nova maneira de ser e a exteriorização de subjetividades no ciberespaço; 4) o engajamento do sujeito virtual e, por fim, 5) o discurso de ódio como aliado das *fake news*.

Conforme já exaustivamente mencionado neste trabalho, a sociedade enfrentou mudanças que repercutiram em suas mais diversas áreas de vida. Nesse sentido, é natural que a maneira do indivíduo se enxergar como ser (ao menos no meio digital) também tenha sofrido alterações.

Nesse íterim, é necessário voltar ao conceito de panóptico, proposto por Jeremy Bentham, para entender como a vigilância exerce seu poder sobre os indivíduos, e como que hodiernamente o faz por meio da internet. Alude-se ao conceito estabelecido pelo mencionado autor, para quem panóptico não é uma prisão. É um princípio geral de construção, o dispositivo polivalente da vigilância, a máquina óptica universal das concentrações humanas.

Feita a análise dessa teoria, será possível entender como uma sociedade baseada na constante vigilância pode influenciar o comportamento de seus cidadãos e na maneira como eles enxergam a si mesmos.

Em outras palavras, como que a biopolítica, exercida hoje também por meio da internet, ao penetrar tanto na *bio* quanto na *zoé*, influencia o comportamento humano no ciberespaço.

Nessa senda, no que diz respeito ao panóptico proposto pelo inglês Jeremy Bentham, é salutar perceber que a combinação entre as noções de visibilidade, confinamento e informação contribuem para que a arquitetura do panóptico se configure-se como uma ferramenta de poder. Em decorrência dessa vigilância constante, o sujeito não só é capaz de interiorizar a norma como também passa a exteriorizá-la.

Na atualidade, o conceito de vigilância do panóptico proposto por Bentham pode ser interpretado de uma nova maneira, juntamente com o conceito de sinóptico sugerido por Bauman.

Bauman elucida que o sinóptico se apresenta de uma forma global, na qual o ato de vigiar retira a limitação espacial dos vigilantes e os transporta ao ciberespaço. Essa quebra da barreira espacial faz com que os vigiados (usuários das redes) passem a ser os vigilantes. Nesse sentido, os vigilantes são muitos que vigiam poucos (a exemplo dos milhões de internautas que seguem blogueiras nas redes sociais).

Esse conceito pode ser facilmente visualizado no contexto do *reality show Big Brother Brasil*. Os pressupostos do panóptico são facilmente reconhecidos aqui (visibilidade, confinamento e informação) além disso, os mecanismos biopolíticos também podem ser verificados nessa realidade. Ora, um perfil no *instagram* criado para um rato que apareceu na cozinha do programa alcançou em menos de 24 horas mais de 1 milhão de seguidores.

Em uma alusão à ideia do panóptico proposto por Bentham, Bauman diferencia os institutos dizendo que o Panóptico forçava as pessoas à posição em que podiam ser vigiadas. O Sinóptico não precisa de coerção – ele seduz as pessoas à vigilância.

As noções propostas por ambos os filósofos citados anteriormente permitem concluir que os mecanismos capazes de influenciar e disciplinar o comportamento reformularam-se e chegaram ao ciberespaço.

Vive-se em uma época em que todos possuem um smartphone na palma da mão e por isso são constantemente vigiados e vigilantes. Nosso celular é capaz de informar nossa localidade, sugerir pesquisas com base em banco de dados e até mesmo de contar nosso

número de passos. O Homem trocou as correntes do absolutismo pela pulseira de seu *smartwatch*.

Por outro lado, essa massa de vigiados, armados com celulares e *tablets*, estão sempre vigiando os últimos acontecimentos políticos e sociais. Mas, o que garante que esses soldados do *smartphone* estejam sempre a postos para receber, compartilhar e vigiar?

Marcus Guilherme Pinto de Faria Valadares explana a questão da seguinte maneira: a Web 2.0 é atravessada por uma nova subjetividade, uma subjetividade continuamente exteriorizada e visível. Os muros que protegiam os lares burgueses e guardavam a segurança do *Homo pshychologicus* e do *Homo privatus* sofreram abalos e agora parecem nem mais existir. Se na modernidade, a intimidade era guardada para si e revelada apenas dentro dos muros que protegiam o lar, na contemporaneidade, ela é projetada nas telas e se constitui em sua exposição. É o momento em que as subjetividades introdirigidas esvaem-se e dão espaço a subjetividades reconfiguradas e, agora, alterdirigidas. É na exteriorização que se constrói a subjetividade e é assim que o indivíduo parece individualizar-se (SIBILIA, 2008a).

Parafrazeando o autor, tem-se que a nova maneira que o ser humano encontrou para individualizar-se é por meio da exteriorização de sua subjetividade. No mundo físico essa exteriorização pode ser verificada através de um estilo de roupa, um determinado corte de cabelo, na escolha dos acessórios e assim por diante.

Contudo, no ciberespaço, a exteriorização da subjetividade encontra outra maneira de manifestar-se, sendo o compartilhamento a mais pura essência dessa exteriorização.

A própria estrutura dos sites na web já é um convite ao compartilhamento/exteriorização. Caso você tenha lido uma notícia e tenha concordado o botão de compartilhar no *WhatsApp* encontra-se logo no canto. Contudo, se você achou um absurdo o texto que acabou de ler você está a apenas um clique de manifestar e compartilhar a sua indignação, seja mediante os *stories* no *instagram* ou por meio de uma publicação no *Facebook*.

Essa necessidade de exteriorização, compartilhamento ou exibição perante o outro existe como uma forma de ratificação do ser, ou seja, o “eu” só pode existir a partir do momento em que é confirmado pelo “outro”. Nesse ínterim, a autoexposição hoje é, também e principalmente, uma forma de inclusão nas redes de informação, entretenimento e consumo.

Desse modo, torna-se possível compreender porque o cidadão hodierno sente a necessidade de compartilhar um conteúdo que sequer sabe ser ou não verdadeiro. Hoje em dia é necessário mais do que simplesmente existir, é necessário ser visto e ratificado pelo corpo social. Ao exteriorizar uma notícia sobre a corrida eleitoral (ainda que seu conteúdo seja falso) o meu “eu” digital está exteriorizando todo o seu grau intelectual, afinal, esse “eu virtual” interessa-se pelo jogo político que acontece em Brasília a ponto de gastar alguns preciosos segundos virtuais compartilhando algo sobre o tema.

O papel da internet e da mídia digital nessa estrutura de exteriorização do ser é primordial, isso porque esses dispositivos permitem que as pessoas que estão no poder sejam vistas, alcançadas e compartilhadas por muitos.

E é justamente desse cenário que a biopolítica, aliada ao biocapitalismo, aproveita-se para exercer novas formas de controle. Ao vincular notícias falsas em *sites* e investir um grande montante de dinheiro para que elas sejam divulgadas e posteriormente replicadas pelos vigilantes da web, os mecanismos de controle conseguem utilizar a multidão que se encontra na internet e a direcionar para os fins que melhor lhe atender.

Destarte, a somatória desses mecanismos (a nova conjuntura do ser e o biocapitalismo aliado à biopolítica) mostra-se como elemento que justifica, até certo ponto, o porquê o sujeito digital compartilha conteúdo nas redes, sendo esse conteúdo verdadeiro ou falso.

Nesse diapasão, alguns outros fatores contribuem como aliados nesse jogo de compartilhamento de conteúdo falso que se tornou frequente no nosso país.

Um desses elementos é o engajamento que o sujeito virtual detém. Afinal, o engajamento do cidadão nessa nova forma de disciplina é a garantia de que os meios biopolíticos e disciplinares estão atendendo ao seu objetivo: o de condicionar a vida.

Dentro das redes sociais, engajamento é primordial para obter visibilidade. O *instagram* apresenta métricas de engajamento para que o criador de conteúdo digital (trabalho imaterial) possa acompanhar seu desempenho. Essas métricas são usadas por empresas para patrocinar ou não determinado influenciador digital.

Nessa senda, o engajamento encontra respaldo em três motivações, sendo elas: 1) o efeito do real que o conteúdo é capaz de produzir; 2) a atuação no liame entre vigilância e entretenimento e 3) o convite à colaboração por parte do espectador, o qual passa de alvo a produtor de conteúdo.

Corroborando o esposado até então, anotam-se as palavras de André Brasil e Cezar Migliorin no sentido de que não há qualquer restrição de cunho moral para essa prática de compartilhamento visando a exteriorização do ser. Nesse sentido, aqui também, desaparece na rede de enunciação coletiva, que, nesse caso, representa menos uma problematização crítica do domínio de autoria, do que uma espécie de refúgio sem lhe demandar nada (ou muito pouco), sem que ele se obrigue a esboçar qualquer formulação ética, se satisfazendo em receber, se entreter e reproduzir.

Somado ao exposto aos alhures, outro elemento que contribui para a propagação das *fake News* é a mistura entre as noções de vigilância e de entretenimento, de modo que o sujeito não perceba que enquanto ele pensa estar consumindo algo para seu prazer ele também está sendo objeto de constante vigilância.

Nesse jogo onde vigilância e entretenimento são misturados, o sujeito é convidado não apenas a se identificar, mas de uma forma ou de outra, a tomar parte da cena, povoá-la com algo de seu modo de vida. Tomar parte aqui tem o sentido de colaborar, na medida em que se criam estratégias que permitem ao espetáculo incorporar a autonomia dos espectadores. Essa nova maneira de interação, notadamente explorada pelos novos contornos que a biopolítica digital ganha é, nas palavras de André Brasil, algo que

confirma e leva ao limite a percepção foucaultiana de que a biopolítica é a forma de poder imanente que se exerce em meio à liberdade e à autonomia.

Somado a todo o aduzido anteriormente, denota-se que há uma tendência cada vez mais crescente da proliferação dos chamados “discursos do ódio” na rede mundial de computadores. Esse tipo de discurso, quando aliado à *fake news* pode ser um mecanismo eficiente no controle da opinião da população e do condicionamento de condutas.

Em 2014 a dona de casa Fabiane Maria de Jesus foi brutalmente amarrada e espancada por moradores de Guarujá. O motivo? Fabiane parecia-se com um retrato falado de um boato vinculado por uma página no *Facebook*. A página alertava a população para tomarem cuidado com uma suposta mulher que sequestrava crianças para a prática de magia negra.

Fabiane foi julgada, espancada e morta de maneira cruel e sem o direito da dúvida. Sua execução foi filmada e postada nas redes sociais. As singularidades de todos os indivíduos que leram o falso boato convergiram e movimentaram a carne dos corpos, os quais se articularam e executaram a dona de casa.

A constante necessidade de ratificação desses indivíduos por outros indivíduos fez com que o crime fosse filmado e compartilhado. Os vigilantes/vigiados cumpriram seu papel no ciberespaço: leram, não checaram, executaram e, o mais importante, compartilharam.

Diante de um cenário como esse, torna-se necessário estudar o conceito de diferença, sendo certo que este apresenta-se como premissa para o conceito de desigualdade.

Não se trata de uma diferença que recaia sobre a vida em seus termos biológicos, mas sim, na diferença que repousa na vida enquanto vida produtiva e positiva. A diferença está no real, e por isso é desumana.

Nesse diapasão, oportunas são os ensinamentos trazidos por Vinícios Rocha Pinheiro Machado, Jefferson Aparecido Dias e Walkiria Martinez Henrich Ferrer sobre como os mecanismos de diferenciação estão intimamente ligados com a biopolítica,

desigualdade social e internet: a felicidade humana muitas vezes acaba por ser determinada pelo controle político que sujeita o indivíduo, ao determinar o que ele deve ou não ser e/ou possuir. A dominação legal exercida pelo aparato do Estado, somada aos agentes de socialização, conduz os indivíduos a uma aceitação tácita de sua condição na sociedade, acentuando as relações de poder e objetivando os papéis sociais delineados pela estratificação social. A intenção por trás dos aparelhos de sujeição acaba por se ocultar, invisível aos olhos da multidão que não mais se individualiza e deixa de reconhecer o seu poder de resistência, baseado na própria biopolítica. Essa imposição de controle sobre a vida e suas diferenças, que passam a ser fonte de discriminações, encontrou na Internet e, particularmente, nas redes sociais, um campo fértil de atuação, em especial por meio do discurso de ódio.

Cumprido esclarecer, porém, antes de prosseguir com o raciocínio, que, apesar dos autores citados acima entenderem que o mecanismo descrito para forçar a aceitação da condição social, seja imposto pelo aparato estatal, este estudo trabalha com a ideia de que o mesmo mecanismo pode ser empregado por outras estruturas, como as grandes empresas, por exemplo.

Essas diferenciações são responsáveis por criarem expressões que irão forjar a noção de pertencimento das pessoas a determinados grupos. Contudo, pontua-se que o pertencimento a determinado grupo por si só não seria um fator negativo para a sociedade.

Acontece, entretanto, como verificado no caso de Fabiane, que muitas vezes os mecanismos de controle apropriam-se desse senso de pertencimento e passam a usá-lo a seu favor para direcionar a população.

Esquerda vs. Direita; Veganos vs. Carnívoros; Funkeiros vs. Sertanejo Universitário; Pandemia vs. Gripezinha. Todos esses são debates que ocorrem na nossa sociedade exatamente porque algumas pessoas possuem senso de pertencimento em um dos lados dessa dialética. Em sua grande maioria, boa parte desses “debates” ocorrem no espaço virtual.

O debate por si só não é algo ruim. Muito pelo contrário, o debate é essencial em uma democracia. Porém, quando esses debates são financiados por *fake news* eles perdem sua característica dialética e passam a estarem mais próximos de discursos de ódio.

Nesse diapasão, é salutar destacar como que o biopoder e o biocapitalismo ao se valerem de todo o esposado até então, acabam por moldar desigualdades sociais e vão ao arrepio do comando constitucional contido no art. 170, inc. VII, ou seja, a redução das desigualdades regionais e sociais como sendo um dos princípios da ordem econômica: nesse viés, as minorias sociais, que podem por vezes ser as maiorias numéricas, são reduzidas à condição de resíduos, mediante violência, perseguição, eliminação ou abandono. O poder biopolítico estabelece hierarquias e separações e molda as desigualdades, construindo mecanismos que despojam certos grupos de sua humanidade.

Finalmente, pode-se concluir que a relação de dominação entre Estado e indivíduos, a qual é potencializada por mecanismos de controle e agentes de socialização, leva os cidadãos à uma aceitação, ainda que tácita, de sua classe social. Esse controle acaba por perder-se diante dos olhos da multidão a qual fica impossibilitada de usar a biopolítica como forma de resistência.

Sendo assim, ao fomentar a diferenciação entre os grupos e explorar o senso de pertencimento, os mecanismos biopolíticos acabam por financiar o aumento da desigualdade social, uma vez que a multidão fica aos olhos para a potencialidade de resistência que a própria biopolítica pode oferecer.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ante todos os fatos apresentados, algumas conclusões são auferidas por este estudo. Nesse sentido, o primeiro apontamento é no sentido de que se pode destacar que com a ruptura do modelo absolutista, a forma de poder migrou do “deixar viver e fazer morrer” para a noção de “deixar morrer e fazer viver”.

Corroborando esse raciocínio, observou-se que a biopolítica apresenta-se como uma forma de controle que vai além do controle realizado pela lei, alcançando a vida humana em sua mais ampla e íntima essência, ou seja, tanto a *bios* quanto a *zoé*.

Ademais, percebeu-se que além dessa mudança nas formas de controle, a sociedade passou também por uma reformulação na sua ordem econômica. De modo que o trabalho deixa de ser a principal forma de conquista da natureza, passando por uma transformação do ponto de vista antropológico, dando origem ao chamado Biocapitalismo.

Nesse ínterim, observou-se que quando os mecanismos de controle citados se unem em uma rede de computadores pautada na monetização, tem-se o cenário ideal para a eclosão de notícias falsas.

No mais, a pesquisa em testilha também ponderou que a nova maneira de ser do homem no ciberespaço, somado a todo o esposado anteriormente sobre os mecanismos de controle, faz com que o compartilhamento ganhe relevo em uma “cibersociedade” que celebra a exteriorização das subjetividades. Sendo assim, buscando a constante ratificação por parte dos outros, o indivíduo digital acaba por compartilhar tanto sua intimidade quanto notícias, sendo elas verdadeiras ou falsas.

Finalmente, restou comprovado que todos esses vetores se classificam como mecanismos que contribuem para o aumento da desigualdade social, sendo certo que eles se utilizam de mecanismos de diferenciação e do senso de pertencimento do homem enquanto integrante da multidão, de modo que vão na contramão do comando constitucional contido no art.170, inc. VI da Constituição Federal.

5. REFERÊNCIAS

BARRAGÁN, Almudena. **Cinco “Fake News” que beneficiaram a candidatura de Bolsonaro**. El País. 2018. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2018/10/18/actualidad/1539847547_146583.html. Acesso em: 09 jul. 2020.

BAUMAN, Zygmunt. **Globalização: As Consequências Humanas**. Trad. Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1999.

BRASIL, André. **Formas de vida na imagem: da indeterminação à inconstância.**

Trabalho apresentado ao XIX Encontro da Compós, PUC-RJ, Rio de Janeiro, RJ, junho de 2010. Disponível em: <http://www.compos.org.br/data/biblioteca_1511.doc>. Acesso em: 06 jul. 2020.

BRASIL, André. **Modulação/Montagem: Ensaio Sobre Biopolítica e Experiência**

Estética. 99f. Tese (Doutorado do Programa de Pós-graduação em Comunicação da Escola de Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, RJ, 2008. Disponível em: https://www.ufrgs.br/infotec/teses07-08/resumo_7836.html. Acesso em: 07 jul. 2020.

BRASIL, André; MIGLIORIN, Cezar. Última foto: possibilidade da imagem. **Revista**

Cinética Cinema e Escrita. Rio de Janeiro/São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.revistacinetica.com.br/ultimafoto.htm>. Acesso em: 08 jul. 2020

BRUNO, Fernanda. Máquinas de ver, modos de ser: visibilidade e subjetividade nas novas tecnologias de informação e de comunicação. **Revista FAMECOS**, Porto Alegre, v. 24, p. 110-124, 2004. Disponível em:

<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/3271>. Acesso em: 09 jul. 2020.

CIRINDO DOS SANTOS, Juarez. Trinta Anos de Vigiar e Punir – Foucault. **Revista Brasileira de Ciências Criminais**, v. 1, p. 289-298, 2006. Disponível em:

http://icpc.org.br/wp-content/uploads/2012/03/30anos_vigiar_punir.pdf. Acesso em: 07 jul. 2020.

CONJUR. Bolsonaroistas gastam R\$: 5 milhões por mês com *fake News*, revela inquérito.

Consultor Jurídico. 2020. Disponível em:

<https://www.conjur.com.br/2020-mar-11/empresarios-gastam-milhoes-mes-fake-news>. Acesso em 04 jul. 2020.

COSTA, Machado da. Estudo Revela como Funciona a Indústria de “Fake News” no Mundo. **Isto é Dinheiro.** 2017. Disponível

em:<https://www.istoedinheiro.com.br/estudo-revela-como-funciona-industria-de-fake-news-no-mundo/>. Acesso em 01 jul. 2020.

DIAS, Jefferson Aparecido; OLIVEIRA, Emerson Ademir Borges de. O Desemprego e o Autoatendimento no Setor Bancário: Entre o Biopoder e a Biopolítica. **Revista de Estudos e Pesquisas Avançadas do Terceiro Setor (REPATS)**, v. 12 n. 27, p. 07-21, 2017.

Disponível em:

<https://revistas.anchieta.br/index.php/RevistaInterseccoes/article/view/1395/1277> Acesso em: 24 jun. 2020.

DUARTE, André de Macedo. De Michael Foucault a Giorgio Agamben: a trajetória do conceito de biopolítica. In: SOUZA, Ricardo Timm de; OLIVEIRA, Nythamar Fernandes de (Org.). **Fenomenologia Hoje III – Bioética, Biotecnologia, Biopolítica**. Porto Alegre. Editora da PUCRS, 2008. v. 3.

FERREIRA, Yuri. Rato do BBB Chega a 1 Milhão de Seguidores no Instagram em 24 Horas e Supera Participantes. **Hypeness**. 2020. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2020/04/rato-do-bbb-chega-a-1-milhao-de-seguidores-no-instagram-em-24-horas-e-supera-participantes/>. Acesso em: 30 jun. 2020.

FOUCAULT, Michel. Aula de 17 de março de 1976. In: FOUCAULT, M. **Em Defesa da Sociedade**. São Paulo: Martins Fontes, p. 285-315, 2005.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. **As Malhas do Poder (Final)**. *Barbárie*, Bahia, v.3, n.5, p. 34 -43, 1982.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: A Vontade de Saber**. 13. ed. Trad. Maria Thereza Costa Albuquerque e J. A. Guilhon Albuquerque. São Paulo: Graal Edições, 2007.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GIORGI, Gabriel; RODRÍGUEZ, Fermín. Prólogo. In: (Comp.). **Ensayos Sobre Biopolítica: Excesos de Vida**. Buenos Aires: Paidós, 2007. p. 9-34.

GODOY, Sandro Marcos; LIMA, Murilo Aparecido Lorençoni; CARDOSO, Graziela Morais. **Uma análise histórica do conceito de família**: um estudo da gênese da família até a multiparentalidade e a família constitucionalizada em seu conceito amplo. *Revista Direito e Justiça: Reflexões Sociojurídicas*, Santo Ângelo, v. 20, n. 37, maio/agos. 2020, p. 105-122.

GODOY, Sandro Marcos. **A mulher e o Direito do Trabalho**: a proteção e a dimensão constitucional do princípio da igualdade. Birigui: Editora Boreal. 2015.

GODOY, Sandro Marcos. **O Meio Ambiente e a Função Socioambiental da Empresa**. Birigui: Editora Boreal. 2017.

MACHADO, Vinícius Rocha Pinheiro; DIAS, Jefferson Aparecido; FERRER, Walkiria Martinez Henrich. Biopolítica e novas Tecnologias: O discurso do ódio na Internet como mecanismo de controle social. **Revista de Informação legislativa RIL**. Brasília, a. 55 n. 220 out/dez. 2018 p. 29-51. Disponível em: https://www12.senado.leg.br/ril/edicoes/55/220/ril_v55_n220_p29.pdf. Acesso em: 02. Jun. 2020.

NEGRI, Antônio. **Biocapitalismo entre Spinoza e a Constituição Política do Presente**. Iluminuras, 1ª ed. São Paulo, 2015.

NEGRI, Antonio. Para uma Definição Ontológica da Multidão. **Lugar Comum**, n°. 19-20, p. 15-26, 2004. Disponível em: http://uninomade.net/wp-content/files_mf/113003120823Para%20uma%20defini%C3%A7%C3%A3o%20ontol%C3%B3gica%20da%20multid%C3%A3o%20-%20Antonio%20Negri.pdf . Acesso em: 27 jun. 2020.

ROSSI, Mariane. Mulher Espancada Após Boatos em Rede Social Morre em Guarujá, SP. **G1 – Globo**. 2014. Disponível em: <http://g1.globo.com/sp/santos-regiao/noticia/2014/05/mulher-espancada-apos-boatos-em-rede-social-morre-em-guaruja-sp.html>. Acesso em: 21 jun. 2020.

SIBILIA, Paula. A digitalização do rosto: Do transplante ao PhotoShop. **Revista Cinética**, v. 1, p. 1, 2008a. Disponível em: http://www.revistacinetica.com.br/cep/paula_siblia.pdf. Acesso em: 01 jul. 2020.

SIBILIA, Paula. O show do eu: A intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: **Nova Fronteira**, 2008. v. 1. 284 p. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832010000100015&lng=pt&tlang=pt. Acesso em: 20 jun. 2020

SILVA, Francisco Vieira Baracho; SILVA E JUNIOR, Joseeldo da. Mentiras Sinceras (Não) Me Interessam: Estratégias Biopolíticas Do Ministério Da Saúde No Combate Às Fake News. **Revista de Estudos e Pesquisas Avançadas do Terceiro Setor**. V. 4, n° 2, p.253-270, Jul-Dez, 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/REPATS/article/view/8517> . Acesso em: 20 jun. 2020.

TADEU, Tomaz (org). **O Panóptico / Jeremy Bentham**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/81000/mod_resource/content/1/TC%20O%20pan%C3%B3ptico.pdf. Acesso em: 20 jun. 2020.

VALADARES, Marcus Guilherme Pinto de Faria. A Biopolítica Hoje: Tecnologia, Imagem e Produção de Subjetividade. **Texto Livre: Linguagem e Tecnologia**. Nº. 01, p. 116-128, v. 07. Ano 2014. Disponível em: <http://www.periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivres/article/view/5064> Acesso em: 29 jun 2020.

VICTOR, Fabio. Como funciona a Engrenagem das Notícias Falsas no Brasil. **Folha de São Paulo**, Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2017/02/1859808-como-funciona-a-engrenagem-das-noticias-falsas-no-brasil.shtml>. Acesso em 7 jul. 2020.

VIEIRA, Nathan. Sites de notícias falsas geram mais de US\$200 milhões em publicidade. **Canal Tech**. 2019. Disponível em: <https://canaltech.com.br/mercado/sites-de-noticias-falsas-geram-mais-de-us-200-milhoes-e-m-publicidade-151097/>. Acesso em: 09 jul 2020.

WACQUANT, Loïc. Três Etapas para uma Antropologia Histórica do Neoliberalismo Realmente Existente. **Caderno CRH [online]**. vol.25, n.66, p.505-518, 2012. ISSN 0103-4979. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792012000300008>.. Acesso em: 01 jul. 2020.

Data da submissão: 09/02/2021
Data da primeira avaliação: 09/02/2021
Data da segunda avaliação: 01/04/2021
Data da aprovação: 09/06/2021